

A SUBLIMAÇÃO: DA SEXUALIDADE AO EROTISMO

Regina Steffen

No texto “Pulsão e seus destinos” de 1915, Freud identifica quatro encaminhamentos possíveis da pulsão: (1) Reversão no oposto, (2) Retorno ao próprio eu, (3) Recalque e (4) Sublimação.

Com o desenvolvimento teórico e o aprofundamento do entendimento da estrutura psíquica, o recalque adquire posição central no arcabouço da subjetividade, ao ponto de reger totalmente a estruturação subjetiva como o mecanismo que inaugura a dimensão inconsciente. O recalque é o dispositivo pelo qual a castração opera, evidenciando que a pulsão transformada em seu oposto ou retornando sobre o eu, mais do que dois destinos primários da pulsão, são antes, consequências possíveis da instituição do recalque primário, sendo formas de encaminhar a pulsão uma vez havido o recalque.

Já a sublimação, dá à pulsão um destino diferente do recalque, indicando haver um caminho através do qual o trajeto pulsional pode ser transformado, uma vez que o mecanismo sublimatório não opera pelo recalque. Isso transforma a relação do sujeito com o objeto, transformando sua estrutura desejante. Dizer que a sublimação não opera pelo recalque não significa que ela pode prescindir do recalque primário. O recalque primário constitui a pedra fundamental da subjetividade, sem o que estaríamos no universo da psicose. A sublimação não opera a partir do recalque secundário, aquele que caracteriza o movimento pulsional capaz de produzir sintomas que constituem o retorno do recalcado. Sintomas são formações de compromisso que mantêm o recalque primário ao mesmo tempo que tentam superá-lo, como se o impedimento que o recalque veicula, tivesse deixado de existir. Enquanto a neurose vive do recalque secundário, a sublimação conduz a pulsão por outro rumo, verificando a falta fundamental que o recalque instaura, em vez de tentar obturá-la.

A diferença entre esses dois trajetos pulsionais é marcada por mudanças no estatuto do objeto do desejo. O objeto é considerado perdido no recalque, o que leva o sujeito a buscar sua recuperação, destino impossível em cuja repetição o neurótico está preso. Na sublimação o objeto se verifica vazio e essa nova perspectiva garante a metonímia do desejo pela repetição da diferença, ou seja, a mesmidade da repetição passa de um objeto a outro sem repetir a tentativa de reencontrar o mesmo objeto fálico perdido. A sublimação destrava o desejo num movimento turbilhonário gerado pelo contorno total do circuito pulsional. Começando num ponto e terminando em outro, o percurso nunca retorna ao ponto de partida, trata-se, portanto, da repetição do novo a cada vez.

O percurso sublimatório descreve um movimento espiralado que confirma o vazio central, o que permite a metonímia do objeto, produzindo a satisfação da pulsão. O movimento comandado pelo recalque, não se dá conta da existência desse vazio como inerente à sua própria estrutura. A sublimação move-se por um saber lidar com o furo implicado no próprio percurso pulsional, um buraco vazio a evidenciar a falta fundamental de inteireza que constitui o desejo humano. Saber lidar com esse furo,

constitui um traquejo¹ subjetivo frente ao recalque e ao desejo que dele decorre. *Savoir y faire* é como Lacan denomina o traquejo subjetivo para com a volta a mais que o circuito da demanda traça em sua tentativa de realizar o desejo.

Sem se dar conta do furo interno em sua constituição desejante, o neurótico fica girando em círculo. O traçado esférico descrito pelo desejo neurótico renova a decepção com o objeto, que sempre é o mesmo em sua incapacidade de satisfazer o reencontro prometido. Nesta rota, a realização do desejo se prova, a cada vez, impossível. Não contar com o vazio interno traçado pelo movimento da demanda, significa não assumir subjetivamente esse buraco impreenchível. Não reconhecê-lo como parte integrante da estrutura do próprio sujeito, leva o neurótico a atribuir seus males e sofrimentos a um outro de seu convívio, vitimização tão frequentemente presente em suas queixas.

A sublimação satisfaz a pulsão, sendo, portanto, promotora da satisfação subjetiva. Nascido do recalque, o desejo não se realiza, pois o objeto jamais será reencontrado, uma vez que nunca foi perdido. Preso nessa roda de decepção, o neurótico experimenta o mal-estar de uma vida que não anda. A capacidade de sublimar significa viver o desejo pela via da satisfação e não de sua realização. E isso depende de uma modificação do objeto do desejo: de perdido, ele passa a vazio.

Há satisfação quando a sublimação encaminha o desejo, e há sofrimento, em diferentes graus, a depender do quanto o desejo se rende à fantasia fundamental resultante da castração em sua promessa de recuperação do objeto fálico. Ou seja, quem vive só para reencontrar o suposto objeto perdido, encontra apenas sofrimento em seu caminho, e nunca o objeto da completude.

Freud propõe que a transformação experimentada na sublimação se deve à dessexualização da finalidade da pulsão o que possibilita o deslizamento do desejo de um objeto a outro.

Lacan observará que a pulsão nunca deixa de ser sexual, sendo o objeto que se dessexualiza, erotizando-se. Da sexualidade ao erotismo colocam-se as questões da morte (sexo, secção) em sua imutabilidade, e da vida (*eros*) como movimento. A sexualidade se inscreve psiquicamente no mesmo ponto da inscrição subjetiva da morte. Sexualidade e morte nascem ao mesmo tempo na castração. O trauma da castração – o maior trauma que se pode viver, diz Freud – conecta, de forma indissolúvel, o sexo com a morte. A conexão sexualidade/morte resulta do corte definitivo que a castração vem evidenciar entre o sujeito e seu corpo. Diferentemente dos demais animais, o ser humano tem um corpo, ele não é o corpo. O corpo humano é sexualizado, ou seja, é seccionado, separado do conjunto dos instintos animais, e isso faz com que o humano não tenha nenhum objeto específico para suas necessidades, pois não tem objeto algum que seja determinado pelo instinto. O ser humano não dispõe de um objeto cujo encontro seria possível sem nenhuma mediação, o que já indica a insuficiência de qualquer objeto para a realização disso que nele é desejo e não necessidade animal. É a fantasia fundamental que, ligando o sujeito a seu objeto, vai garantir ao neurótico um roteiro fixo na busca desse objeto sempre sexuado (cortado, parcial), objeto pulsional, não instintual.

¹ Agradeço ao amigo e psicanalista Francisco Capoulade a indicação do termo “traquejo” para traduzir com maior precisão a expressão criada por Lacan “*savoir y faire*”, empregada para designar o saber a mais que caracteriza o sujeito ao final da análise.

A pulsão é aquilo que, no humano, substitui os instintos que lhe faltam. Esse é também o ponto no qual a linguagem se localiza. Sem um corpo completamente mapeado pelos instintos biológicos, o ser humano precisa demandar o objeto. É assim que a linguagem se torna o instrumento “instintual” do humano, fazendo dele um ser falante - *falasser* (*parlêtre*) como Lacan o define. A própria pulsão será definida por Lacan como “o eco, no corpo, do fato de haver um dizer”².

Se é preciso pedir, demandar o objeto através da linguagem como veículo mediador, o ser humano tem de se relacionar com um outro (o semelhante) a quem dirige sua demanda. A demanda adquire, então, a característica de ser exclusivamente demanda de amor, pois o objeto que peço e nem sei qual é, só me será dado se esse Outro quiser me oferecê-lo; se o Outro me amar ele não deixará de atender minhas demandas. Amar para ser amado é, então, prioritário. A relação de um eu com um outro é especificamente humana, sendo determinada por sua condição de ser falante. No princípio, esse outro parece superpoderoso, sabendo responder a tudo o que preciso. A castração se revelará traumática também por revelar que esse Outro onipotente não existe. Ele, como eu, também é castrado e, como qualquer outro, é apenas mais um. Essa é outra dimensão da morte que se apresenta ao sujeito humano: a morte do Outro, sua não-existência. O Outro ex-siste como elemento fundamental da constituição subjetiva, porém não tem existência ontológica, substancial. Ex-siste e não existe, há Um e não há Outro. Posições antagônicas situadas no mesmo ponto em que o desejo, veículo da libido (energia sexual, energia vital submetida à condição humana), encontra o impasse da fantasia fundamental. O roteiro de tal fantasia determina o destino neurótico da compulsão à repetição do mesmo trajeto, sempre à procura do mesmo e único objeto perdido. Cada objeto encontrado é de certa forma sempre o mesmo, uma vez que qualquer objeto é buscado pelo sujeito como representante do objeto fálico que o desejo almeja reencontrar.

Para Freud esse destino era incontornável. Mesmo num processo de análise o neurótico quando muito se depararia com o intransponível “rochedo da castração”, imagem plástica bastante competente para descrever o caráter imutável da fantasia fundamental, roteiro do desejar neurótico, saber de gozo que comanda sua vida. Uma vez atingido esse ponto, o sujeito deixaria a análise, fosse por reviver a angústia de castração (no caso do homem), ou por deparar-se com a inveja fálica (no caso da mulher). Em qualquer dos casos só seria possível a fuga e a retomada do mesmo circuito viciado, ainda que a análise tivesse aplainado muitas arestas. Para Freud a análise nunca acabaria, sendo, na melhor das hipóteses, interrompida diante desse ponto sem saída.

Lacan propôs que a análise tem fim, sim. Seu final se caracteriza pelo atravessamento da fantasia fundamental, ponto de transformação da estrutura desejante e conseqüentemente, da subjetividade.

Falar em transformação da estrutura desejante é falar da sublimação o que aponta para sua possível relação com o final da análise, ponto sobre o qual a teoria freudiana parou, seja porque Freud considerava a análise interminável, seja porque ele morreu nessa altura do desenvolvimento da teoria.

² Lacan, J. *Le Séminaire livre XXIII – Le sinthome*. Seuil, Paris, 2005, pág17. Tradução modificada.

Fato é que ele não encontrou onde acomodar a noção da sublimação além de sua participação na produção artística ou como mecanismo operante e indutor do período de latência. Além deste ponto ele nunca passou, nunca tendo produzido um estudo mais aprofundado sobre ela.

O período de latência é aquele no qual a sublimação entra em campo para encaminhar a pulsão depois de instituído o recalque primário, vivido como castração (perda de objeto), na conclusão do período edípico. O período de latência sexual, regido pela sublimação, é aquele onde Freud constata a dessexualização da finalidade da pulsão, justamente porque o interesse da criança pela sexualidade entra em latência, voltando-se para questões que não são notoriamente sexuais. Conforme Lacan observa, é o objeto que, sob a égide da sublimação, se dessexualiza, erotizando-se. Com cada conquista no aprendizado escolar, nos esportes, nas relações sociais, a criança encontra grande satisfação, podendo a sublimação comandar doravante o desejo do sujeito, ao lado da tendência sexual que renasce na adolescência, pois a sexualidade nunca é totalmente sublimada. O equilíbrio entre o prazer sexual e os demais prazeres (sublimatórios), sustentarão a vida do neurótico, que será tanto mais confortável, quanto maior for sua possibilidade de sublimação. Se a oferta cultural for pequena ou nenhuma, no período de latência, a criança crescerá tendo como mecanismo para lidar com a condição humana apenas a promessa fantasmática do reencontro do objeto, condição que só tem decepção e sofrimento para oferecer. Em última instância, a estrutura psíquica que conta apenas com a fantasia fundamental como mecanismo de encaminhamento pulsional hegemônico, sendo pouco ou nada assistida pela sublimação, está presa da injunção superegóica que ordena: “goze!”. Esse caminho irmana o neurótico ao perverso que, embora tenha reconhecido a castração, a renega, recuando para um ponto anterior a essa vivência traumática. O processo de castração, operado pelo pai, pela metáfora paterna, guarda algo da perversão. Freud dirá que a perversão é o avesso da neurose, e Lacan retornará a essa afirmação pelo jogo de palavras implicado no termo francês para perversão (*père-version*), que tanto anuncia a versão do pai para a castração, ou seja, a metáfora como substituição de um significante por outro, como também denuncia o caráter perverso do fantasma fundamental que a metáfora paterna produz. Ao encobrir o recalque primário, a fantasia conecta o sujeito com seu objeto, prometendo um encontro através de um substituto, renegando a castração no mesmo ato que a confirma.

Lacan, em seu “retorno a Freud”, retornou à incipiente noção de sublimação, especialmente no seminário dedicado à ética, afirmando que “a sublimação eleva o objeto à dignidade da Coisa”³. Essa definição aponta para a transformação do objeto, e não da finalidade da pulsão. O fato de o objeto ser elevado à dignidade da Coisa, implica pensar que o objeto é elevado a uma potência segunda, ele passa à condição de *das Ding*, coisa que não tem nome, sendo por isso chamada de Coisa, o Isso. Ela não pode ser nomeada, por ser o próprio ponto onde o sujeito do inconsciente nasce pelo ato da nomeação. Daí a Coisa ser o puro vazio, não tendo existência substancial. A verdade do objeto humano é ser nada, é ex-sistir. Acreditá-lo perdido é o recurso que o recalque permite criar. Verificar, pela análise, o caráter ficcional desse recurso, transforma o sujeito por transformar o seu fazer desejante.

Tomada na perspectiva da transformação subjetiva, a sublimação se mostra fundamental para o processo de análise. Não se pode prescindir dela, sob pena de a análise não levar

³ Lacan, J. *Le séminaire livre VII – L'éthique de la psychanalyse*. Seuil, Paris, 1986, pág. 133 (tradução modificada).

a lugar nenhum. A sublimação, além de atuar ao longo da vida do sujeito como um outro destino da pulsão - aquele que não opera pelo recalque –, guarda estreita relação com o final da análise, com sua finalidade, levantando muitas questões: qual sua relação com o desejo do analista, com o *sinthoma*, com suas intervenções, enfim, com a prática clínica?

No primeiro semestre de 2023 nos debruçamos sobre estas e outras questões.

No segundo semestre seguiremos explorando o tema da sublimação. Continuaremos com a mesma bibliografia. Ela vem a seguir. A obra “Sublimação, uma erótica para a psicanálise”, de Érik Porge, foi o estímulo para este estudo, servindo de texto básico deste seminário.

Se você se interessar pelo desafio, junte-se a nós. Boas férias e boa leitura.

BIBLIOGRAFIA:

- Freud, S. *Los Instintos y sus destinos*, Biblioteca Nueva, Vol II, Terceira ed., Madrid, 1973.

-*Idem*, *Un Recuerdo Infantil de Leonardo de Vinci*, Biblioteca Nueva, Vol. II, Terceira Ed., Madrid, 1973.

-Didier-Weill, A. *in* Lacan, J. *Seminário 24 (L'insu que sait...)*, Lição 3, seminário inédito.

- Lacan, J. *O Seminário – Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1979.

- Lacan, J. *Le Séminaire livre VII – L'éthique de la psychanalyse*, Seuil, Paris, 1986.

-*Idem*, *Le Séminaire livre XXIV- L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, (1976-77), inédito. Lições 2 e 4.

- *Idem*, *Le Séminaire livre XXIII – Le sinthome*, Seuil, Paris, 2005.

- Porge, É. *A sublimação, uma Erótica para a Psicanálise*, alLer Ed., São Paulo, segunda impressão, 2020.

